

## BRINCO NAS VACAS

A larva da mosca *Dermatobia hominis* (berne) e o carrapato são as pragas externas mais comuns do gado bovino e dão pesados prejuízos econômicos aos pecuaristas. Os insetos estragam o couro dos animais e levam a menores produções de carne e leite, devido ao desgaste que causam no rebanho. Para combatê-los, os criadores aplicam banhos carrapaticidas ou utilizam brincos inseticidas, técnicas que, com maior ou menor eficiência, concorrem para a redução da incidência dessas pragas, que, em conjunto com as moscas, provocam males como conjuntivite, infecções e bicheiras.

Para avaliar a eficácia dos métodos, foi realizado recentemente na Fazenda São Vicente, em Coronel Pacheco (Minas Gerais), experimento em dois lotes de animais — o grupo teste, composto de 53 vacas em lactação, e o grupo testemunha, formado por 64 vacas secas e novilhas. No primeiro lote, que inicialmente recebeu banho carrapaticida, foi colocado um par de brincos inseticidas em cada fêmea, fazendo-se a contagem de bernes, individualmente, a cada quinze dias, até o final da experiência, que se prolongou por quatro meses.

Em relação ao lote testemunha, que foi banhado contra carrapatos, seguiu-se o mesmo critério de contagem de insetos presentes nos animais, isto é, na data do início do trabalho e em seguida a cada quinze dias, até o final do estudo. Os técnicos que participaram da pesquisa (ligados à Pearson Indústria e Comércio Ltda., fabricante dos brincos impregnados com o produto Cypermethrin a 8,5%) e outros especialistas comprovaram, segundo a empresa, que os brincos proporcionaram melhor controle dos bernes, enquanto os animais tratados convencionalmente (um banho carrapaticida-bernicida por mês, durante quatro meses) apresentaram índices mais altos de infestação. Eles sustentam, também, que as fêmeas com brincos se mostraram calmas, não se observando o constante abanar de rabo e cabeça, comum em animais atacados por bernes e carrapatos.

Verificou-se ainda, conforme os técnicos que tomaram parte do experimento, que o uso do brinco resultou em custos diários mais baixos (0,0098 OTN por animal, contra 0,0239 OTN por cabeça no lote que recebeu banhos carrapaticidas). Concluiu-se que, embora as recomendações da fabricante limitem o uso dos brincos a um período de três meses, seu emprego por quatro meses



se mostrou viável, sem comprometimento da eficiência, já que durante todo o experimento não precisaram ser substituídos. E não houve necessidade de banhos carrapaticidas. Lembram os técnicos, no entanto, que os efeitos do inseticida se tornaram mais eficazes (sua ação total se verifica num período de 24 a 48 horas após a colocação) com o contato entre os animais portadores de brincos, o que ajuda a dispersar o produto pelo corpo dos bovinos.

## O ALHO NAS CONDIÇÕES DE MANAUS

O alho consumido no Amazonas provém de diversas regiões do país e sua demanda vem aumentando bastante nos últimos anos, especialmente em Manaus. Para avaliar as possibilidades de produção local da hortaliça, de modo a reduzir a dependência, a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE) da capital amazonense instalou, em julho de 1986, dois experimentos utilizando quatro variedades de alho (gigante 10, gigante 20, dourados e cará), sendo cada parcela constituída de noventa plantas, distribuídas em áreas de 3 m<sup>2</sup>.

Os agrônomos Mauro Luiz Coltri (UEPAE-Manaus) e Kyoshi Miki (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Amazonas), responsáveis pelo trabalho, explicam que em um dos experimentos se empregou alho-semente

refrigerado em geladeira durante 45 dias, a uma temperatura de 8°C (tratamento denominado vernalização), enquanto no outro o alho-semente foi mantido 45 dias sob temperatura ambiente (25°C), que no período julho-setembro alcançou média de 25,8°C. Em seguida, nos dois casos, o alho foi plantado.

Por ocasião do plantio incorporaram-se aos canteiros 10 kg por m<sup>2</sup> de esterco de curral, 150 g de superfosfato simples, 30 g de cloreto de potássio, 1,5 g de bórax, 3 g de sulfato de zinco e 20 g de sulfato de magnésio, distribuídos ao longo do sulco e abaixo dos bulbilhos, sem contato com os mesmos. Nessa época o material vernalizado teve desenvolvimento radicular e apical mais pronunciado, principalmente as variedades gigante 10 e gigante 20.

A adubação de cobertura ocorreu trinta dias após a emergência, empregando-se 6 g de uréia por m<sup>2</sup>. Os técnicos lembram, ainda, que após o plantio se efetuou uma irrigação generosa e foi colocada cobertura morta (capim seco), com 7 cm de espessura, no sentido longitudinal dos canteiros.

De acordo com os pesquisadores amazonenses, a emergência dos bulbilhos vernalizados deu-se de maneira uniforme durante os primeiros cinco dias depois do plantio, com destaque para a gigante 10 e a gigante 20. O índice de emergência foi de 90%, o mesmo ocorrendo com os materiais não vernalizados, que no entanto revelaram um atraso de quatro a cinco dias.

Em função das altas temperaturas, as plantas tiveram rápido desenvolvimento e não apresentaram problemas até 45 dias depois da emergência. Mas em seguida, na área com alho-semente vernalizado, verificou-se incidência generalizada de mancha-púrpura-das-folhas, moléstia provocada pelo fungo *Alternaria porri*, que afetou mais as variedades gigante 10 e gigante 20. A incidência da doença foi bem menor no alho-semente não vernalizado. Na opinião dos autores dos experimentos, a diferença de intensidade da mancha-púrpura-das-folhas pode ser atribuída ao estado fisiológico dos materiais, já que a vernalização reduz o ciclo das plantas, antecipando, portanto, a fase de envelhecimento. Com isso elas ficam mais sujeitas a enfermidades.

A partir dos resultados iniciais, dizem os dois técnicos, o ensaio com bulbilhos vernalizados deve ser repetido em época oportuna, dando-se maior atenção a aspectos como controle preventivo de doenças, nutrição das plantas e irrigação, para que esses materiais possam exprimir melhor seu potencial genético nas condições de Manaus.